

*Sequência eletrizante de Promessas Vazias,
best-seller do The New York Times*



LACOS PERVERSOS

LEXI RYAN

TRECHO ANTES DO  **Planeta minotauro** VENDA PROIBIDA.

LACOS PERVERSOS

 Planeta minotauro
LEXI RYAN

Tradução
Débora Isidoro

Copyright © Lexi Ryan, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright da tradução © Débora Isidoro, 2023
Todos os direitos reservados.
Título original: *These Twisted Bonds*

Preparação: Ligia Alves
Revisão: Tamiris Sene e Renato Ritto
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa: Catherine San Juan
Adaptação de capa: Renata Spolidoro
Ilustração de capa: Luisa J. Preissler
Imagens de miolo: Freepik, Aaron Stratten (mapa)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ryan, Lexi

Laços perversos / Lexi Ryan; tradução de Débora Isidoro. - São Paulo:
Planeta do Brasil, 2023.
368 p. : il.

ISBN 978-85-422-2339-2

Título original: *These Twisted Bonds*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Isidoro, Débora

23-4347

CDD 810

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



Capítulo 1



LÉM DOS PORTÕES DO castelo, o sol se levanta e os pássaros cantam, mas o Palácio Dourado está envolto pelo véu da noite. *Minha noite. Minha escuridão. Meu poder.*

Espalho magia sem reservas, prendendo quem ousa me perseguir. A escuridão me segue como a cauda de um elaborado vestido de noiva. Mas não sou noiva de ninguém.

Não vou deixar que me enganem com suas mentiras bonitas e manipulações. Sebastian me traiu. *Todos* me traíram, mas a deslealdade dele me machuca mais. Quem devia me amar, me proteger, me usou para roubar a coroa Unseelie.

A fúria invade minhas veias e alimenta meu poder.

Corro, inclusive quando o caminho sob meus pés se torna pedregoso e corcante. Concentro-me na dor, abraço o ardor das pedrinhas cortando as solas dos meus pés. É a única coisa que bloqueia esse outro sentimento – essa angústia e essa frustração, que têm a ver com quem eu amo. Com o homem a quem estou vinculada para sempre. O homem que mentiu para mim, que me traiu.

Não quero senti-lo. Não quero saber que minha partida é como uma fratura no meio de seu coração, ou que me perder o deixou de joelhos. Não quero entender que ele foi encurralado pelo dever, ou compreender a profundidade de seu arrependimento. Mas entendo. Entendo por meio desse vínculo entre nossas almas.

Sebastian me traiu pela coroa e agora ele tem o que queria, enquanto eu me tornei aquilo que desprezei por tanto tempo. *Uma feérica. Uma imortal.*

A realidade crava suas garras em mim enquanto corro.

Estou descalça. De camisola. Não vou longe desse jeito, mas me recuso a deixar que me peguem.

Viro novamente na direção do padoque, e, quando entro, o menino do estábulo arregala os olhos e olha diretamente para a onda de escuridão que se eleva atrás de mim, pronta para atacar.

Ele é jovem, tem o cabelo claro, olhos azuis e orelhas pontudas de elfo. Já o vi antes quando fui buscar um cavalo para percorrer o terreno em torno do palácio. Quando pensava estar segura aqui, quando acreditava que o amor de Sebastian era puro.

— Me dê suas botas — digo, erguendo o queixo.

— Minhas... minhas... — ele gagueja, olhando para o palácio e para a destruição escura que deixei pelo caminho.

— Suas botas! Agora!

Ele mantém os olhos grandes e preocupados em mim enquanto desamarra as botas e as joga perto dos meus pés.

— Agora um cavalo — ordeno, calçando as botas do menino. São um pouco grandes, mas servem. Aperto bem os cadarços e os amarro em volta dos tornozelos.

Ele olha de novo para o palácio, e eu projeto mais uma explosão de poder, fazendo a noite pulsar com maldade. As mãos dele tremem enquanto guiam uma égua branca para fora do estábulo.

— O que... está acontecendo, milady?

Ignoro a pergunta e aceno com a cabeça na direção do cinto de facas preso em sua cintura.

— O cinturão também.

Ele o desafivela e deixa cair no chão. Com movimentos rápidos, pego o cinto e o ponho em mim, prendendo bem a fivela antes de montar no cavalo.

— Obrigada — digo, mas o menino está apavorado, como se esperasse ser morto por suas próprias facas. Seu medo deixa um gosto amargo em minha boca. Foi nisso que me transformei?

Foi nisso que Sebastian me transformou.

Não posso pensar nisso agora, quando guio o cavalo para fora do estábulo, me endireitando na sela antes de sentir a contração no meio do peito. Uma dor doce que me implora para voltar ao palácio. *Voltar para Sebastian.*

Gritos ecoam do outro lado do gramado. Com minhas novas orelhas feéricas, consigo identificar os sons do caos no castelo – a correria, os berros, os pés marchando em minha direção.

Os gritos se aproximam. Minha magia escapou; a escuridão enfraqueceu.

Pressiono os flancos do animal com os calcanhares. Ela se lança em um galope vigoroso, e eu me seguro como posso.

Volte. Não ouço a palavra, mas a sinto, sinto a dor que queima meu peito e se aloja nos ossos. Preciso de você. Volte para mim.

A lembrança de minha conexão com Sebastian me faz correr mais. Não sei se consigo escapar dela, se posso silenciar sua infelicidade e seu sofrimento só com a distância, mas pretendo tentar.



— Preciso de um quarto para esta noite — digo à atendente atrás do balcão de uma hospedaria barata. Minha voz soa como vidro estilhaçado, e cada músculo do meu corpo grita de exaustão.

Não sei onde estou nem que distância percorri. Só sei que fugi do palácio na maior velocidade possível. Passei a galope por vilarejos e terras cultivadas até não aguentar mais ficar sentada na sela.

Não cavalgava tanto desde que era criança, e nunca cavaleguei por tantas horas seguidas, nem em terreno tão montanhoso quanto o que encontrei nas últimas horas. Quando entreguei as rédeas para o cavaleiro da hospedaria, minhas pernas protestaram muito.

A mulher atrás do balcão tem orelhas bem pontudas e lábios contraídos. Seus olhos azuis e frios cintilam com o tipo de frieza que as pessoas desenvolvem por viver uma vida difícil. Ela me olha de cima a baixo, e posso imaginar o que vê. Minha camisola branca agora tem a cor de ferrugem da terra da estrada, e tenho certeza de que meu rosto não está muito melhor. O cabelo vermelho, na altura do queixo, está embaraçado, e os lábios estão ressecados de sede.

— Não faço caridade — ela resmunga, já se virando para atender um cliente mais promissor.

Jogo um saco de moedas em cima do balcão. Os velhos hábitos de ladra estão me servindo bem agora. Esse ouro feérico é cortesia de um orc em uma taverna uma hora a oeste daqui, onde eu pretendia passar a noite. O orc me viu a caminho do banheiro e achou que era uma boa ideia ir atrás de mim e me tocar. Eu podia estar exausta, mas não o suficiente para me impedir de cercar a criatura com uma escuridão tão densa que ele gritou como um bebê implorando para ser libertado.

A mulher abre o saco e olha dentro dele, e seus olhos duros se iluminam por um instante. Os lábios se curvam em triunfo antes de ela controlar a expressão.

— Isso dá — diz, empurrando uma chave por cima do balcão. — Segundo andar, última porta à esquerda. Vou mandar a criada levar um pouco de água para você se lavar.

Não sei nada sobre dinheiro feérico – quanto vale, o que posso esperar por uma moeda de ouro –, mas ofereci uma quantia alta, é claro, e ela está tentando me fazer de idiota. Arqueio uma sobancelha.

— Preciso de uma refeição também.

A mulher concorda com um movimento rápido de cabeça.

— É claro.

Fácil demais.

— E algumas roupas. Calça e camisa. Nada de vestidos.

Os lábios enrugados se contorcem em reflexão.

— Não vendo roupas, e a loja do alfaiate fica fechada à noite. — Ao se deparar com meu olhar firme, ela suspira. — Mas... — E me examina de novo. — Talvez alguma coisa minha sirva em você. Vou dar um jeito.

Aceno com a cabeça em sinal de gratidão e me sento em uma das banquetas, sem saber se minhas pernas trêmulas me sustentam por mais um momento.

— Vou comer aqui.

Ela guarda o saco de moedas e grita para uma criança pequena ir pegar meu jantar. O menino sai de cabeça baixa. Quando ela se volta em minha direção, vejo que está intrigada.

— De onde você é? — pergunta.

Dou risada, mas estou tão cansada que o som mais parece um grunhido.

— Você não conhece o lugar.

Ela levanta uma sobancelha.

— Conheço muitos lugares. Até passei um tempo na corte da sombra durante a guerra.

Dou de ombros, deduzindo que o interesse dela pelas moedas é grande o bastante para não exigir uma resposta.

— Nenhum lugar especial.

Ela fareja, e quero saber o que está sentindo no ar. Ainda tenho cheiro de humana, apesar de ter me tornado feérica? Ela sente em mim o cheiro do palácio? Os feéricos têm os sentidos impecáveis, mas, nas poucas horas que estou neste corpo transformado, só descobri que audição, visão e olfato intensificados me distraem. É dominador demais para servir para alguma coisa.

A criança volta sem fazer barulho. A mulher pega uma tigela de guisado e um prato de pão das mãos do menino e põe a comida em cima da mesa.

— Desde que não me traga problemas, não preciso saber de nada. Às vezes é melhor assim. — Ela inclina a cabeça para atrair meu olhar. — Entende?

Faço uma pausa com a colher de guisado a caminho da boca. *O que ela pensa que sabe sobre mim?*

— Sim.

A mulher assente e volta ao balcão para atender outro cliente.

Mal consigo me segurar no banquinho enquanto devoro o guisado. Não devia estar tão cansada, mesmo depois de um longo dia cavalgando, mas meu corpo está acabado. Por maior que seja a tentação de ignorar a fome e ir para o quarto, para a cama, e me render ao sono, sei que preciso de combustível para o que vem a seguir.

E o que vem a seguir, exatamente?

Afasto a questão. Não sei para onde vou ou o que vou fazer. Preciso ficar longe do palácio – longe de Sebastian. Não consigo pensar no restante agora. Não sobre como estou despreparada para ficar sozinha nesta terra estranha, e, definitivamente, em como estas orelhas pontudas e essa imortalidade recém-concedida significam que nunca vou poder ir para casa.

Nunca mais voltar a Elora.

Nunca mais visitar minha irmã.

Um orc pesado se aproxima do balcão e se senta na banquetta a meu lado. Ele tem mais de um metro e oitenta, nariz achatado, olhos pretos e redondos e dois dentes grandes embaixo que se curvam sobre cada lado do lábio superior. É enorme, puro músculo, como todos os orcs, e sua proximidade é suficiente para me fazer sentir pequena e frágil. Abaixo a cabeça, esperando não chamar sua atenção. Depois do encontro com outro de sua espécie uma hora atrás, não estou interessada em ser notada por este.

— Cerveja? — A atendente pergunta a ele, seus lábios contraídos brindando-o com um sorriso.

— Sim. E uma refeição. Dia horrível.

Ela serve a bebida direto da torneira de um barril.

— É mesmo?

— Os sujos recuperaram seus poderes.

Sujos?

A atendente ri.

— Ah, sei.

— Não. — Ele balança a cabeça. — É verdade.

Ela dá de ombros.

— Se isso significa que você pode machucá-los de novo, devia estar feliz.

— Seu tom sugere que acha que o orc não diz a verdade.

— Não estou mentindo. Aconteceu da noite para o dia no acampamento das crianças. Os merdinhos mataram dez dos meus homens antes de percebermos o que estava acontecendo. As últimas dezoito horas foram de completo caos enquanto nós esperávamos a chegada das injeções.

A atendente se arrepia.

— Não sei como pode injetar aquele veneno em alguém.

— É fácil. — Ele imita o gesto de empurrar o êmbolo de uma seringa.

A mulher balança a cabeça.

— Injetaram em mim durante a guerra. Parece a morte.

Quando Jalek era prisioneiro no palácio dourado, recebeu injeções que bloqueavam sua magia. É disso que estão falando? Estão injetando essas coisas nas crianças?

Quando a atendente olha para mim e levanta uma sobrancelha, percebo que estou encarando os dois. Abaixo a cabeça.

— Por mim, eu matava — diz o orc —, mas nós cumprimos ordens. Ela quer os bastardinhos vivos.

Crianças. Ele está falando sobre as crianças Unseelie nos campos dela.

A raiva faz meu sangue borbulhar. Odeio todos eles. Os feéricos são mentirosos e manipuladores. Não fosse pela crueldade e pelas tramas políticas deles, eu agora poderia estar em casa com Jas, não aqui. Sozinha e sem rumo. Destruída e presa neste corpo novo e imortal que nunca pedi para ter.

Mas as crianças? Podem ser feéricas, mas são inocentes em tudo isso. Foram tiradas dos pais e mantidas em cativeiro como parte de uma interminável disputa de poder entre duas cortes que já têm poder demais. É repulso.

Talvez eu nunca tenha sido aprisionada, mas passei a infância enjaulada por um contrato injusto, explorador. Sei como é ser órfã, e sei como é ser roubada de suas escolhas por quem tem tanto poder que não consegue ver nada além da própria ganância por mais.

A atendente põe uma tigela na frente do orc, balançando a cabeça.

— Então a maldição foi quebrada mesmo?

— Sim.

Ela suspira.

— Lamento por seus sentinelas. Vai precisar de um quarto?

Ele enche a boca e não se preocupa em engolir a comida antes de falar.

— Sim. Preciso dormir um pouco antes de voltar.

Ela pega uma chave do quadro na parede às suas costas e a deixa diante do homem.

— Cuidado esta noite, ouviu?

O orc grunhe uma resposta qualquer e volta a comer.

Meu estômago azeda com a ideia de crianças terem toxina antimagia injetada em seus corpos. Os *sujos*, ele as chamou. Esse é o nome que dão aos prisioneiros ou aos Unseelie? Acho que sei qual é a resposta, e isso faz meu sangue entrar em ebulição.

Eu me obrigo a terminar de jantar, porque vou precisar da energia, mas o pão parece cinza na boca, e o guisado cai como uma pedra no estômago.

Depois que a atendente retira meus utensílios, bebo água sem pressa enquanto o orc termina sua porção de comida e pede outra. Só esvazio o copo quando ele encerra a segunda rodada e faz ruídos de satisfação.

— Pode encher meu copo com água e me autorizar a levá-lo para o quarto? — pergunto, levantando o copo vazio.

A mulher assente e usa uma jarra para enchê-lo.

Olho para o guarda pela última vez e me dirijo à escada. Escondo-me nas sombras, me envolvendo nelas para que ninguém me veja ao passar por mim. Espero em silêncio, com os olhos pesados e as sombras afagando meus nervos em frangalhos, o corpo implorando por descanso. Espero e espero, até que, finalmente, o orc aparece na escada e começa a subir.

Manter-me entre as sombras é fácil à luz de velas, e a respiração arfante do guarda encobre qualquer ruído que meus passos possam fazer. Ele chega ao segundo andar e segue para o quarto a duas portas do meu. Quando entra, a porta se abre para o corredor, não para o interior do cômodo. *Perfeito*.

Assim que ele entra, vou para o meu quarto. É pequeno, escuro e úmido, mas tem uma cama e, como prometido, roupas e um balde de água morna para eu me lavar. Esvazio o copo e volto a enchê-lo com água e sabão, antes de voltar ao corredor. Deixo o copo bem na frente da porta do quarto do orc, de modo que, ao abri-la, ele vai derrubar a água. Queria poder criar uma armadilha mais elaborada com minha magia, mas sou pouco habilidosa e não confio que algo que crie seja forte o bastante para se manter enquanto durmo.

Estou exausta e impaciente, com os instintos em guerra. Metade de mim quer dormir para sempre, enquanto a outra metade quer sair agora para ir ajudar as crianças Unseelie. Mas não tenho a menor ideia de para onde ir ou em que estaria me metendo, e preciso desesperadamente dormir.

Volto ao meu quarto, tiro a camisola suja e esfrego a pele até ela formigar.

Enquanto me lavo, noto a esmeralda entre meus seios. Sebastian me deu o pingente em nossa cerimônia de vínculo. Parecia um presente atencioso, uma joia para combinar com o vestido que minha irmã desenhou para mim, mas agora é um lembrete frio de sua traição. Sinto vontade de arrancá-la do pescoço e jogá-la no lixo, mas resisto. Não tenho nenhum dinheiro, e posso precisar de alguma coisa para vender no caminho.

Passo a bucha sobre o peito, ignorando a runa tatuada na pele, o sinal de vínculo vitalício com Sebastian bem acima do coração.

Faz só um dia que tomei banho pela última vez, mas é como se uma vida tivesse transcorrido desde que me preparei para Sebastian e nossa cerimônia de vínculo. Sentia tanta alegria e ansiedade! Agora sinto apenas a dor ardente da traição, o contato constante de suas emoções por intermédio do vínculo, como ondas contra um paredão desmoronando, ameaçando me dominar.

Amo você. Preciso de você. Me perdoe.

Mas perdão é algo que parece tão distante e impossível quanto um retorno à minha vida no reino humano. Sebastian roubou o que restava da minha capacidade de confiar em alguém quando se vinculou a mim. Ele me fez acreditar que queria o vínculo porque me amava. Amarrei minha alma à dele para que ele pudesse me proteger daqueles que me matariam para roubar a coroa. E ele tinha permitido. Deixado que eu me vinculasse a ele, me convencido a fazer isso enquanto ia me alimentando com fragmentos da verdade misturados a mentiras precisas, envolventes. Ele se vinculou a mim sabendo que a maldição e seu sangue Unseelie me matariam, sabendo que eu teria que tomar a poção e me tornar feérica para sobreviver.

E tinha feito tudo isso por poder. Pela mesma coroa que condenara Finn e Mordeus por perseguição.

Sebastian não é melhor que o restante deles, e agora estou presa a ele para sempre. Por toda a minha vida imortal. Agora posso *sentir-lo* como se ele fosse parte de mim.

Empurro tudo isso para longe. Os sentimentos dele. Os meus.

É demais. Muita coisa. E, ao mesmo tempo, pouca coisa. Existem acampamentos inteiros de crianças sendo drogadas e trancafiadas pelos propósitos nefastos da rainha. Crianças inocentes que não têm mais poder sobre as próprias circunstâncias do que eu tinha quando assinei o contrato com Madame V para Jas e eu não irmos viver nas ruas.

Quando descobri sobre os acampamentos, fiquei enojada. Finn me contou que, quando a guarda da rainha dourada pegava feéricos da sombra em seu território, separava as crianças dos pais e as punha em acampamentos, onde as submetia a lavagem cerebral, ensinava a elas que os Seelie eram melhores, mais dignos, e que os Unseelie deviam servi-los.

Todos os instintos me avisavam de que esses acampamentos eram um sinal de que eu não devia confiar nos feéricos dourados, mas me deixei aplacar pelas juras de Sebastian de que ele se *opunha* aos acampamentos. Não vou ser tola outra vez. Não vou descer ao nível de Sebastian e me deixar ficar obcecada pelos meus próprios problemas quando sou capaz de ajudar. Não vou ser como ele e fingir que não vejo os malfeitos de sua mãe. Farei tudo o que puder para ajudar aquelas crianças – nem que seja só porque, assim, vou atrapalhar os planos dele e da rainha.

Estou presa aqui. Sou uma feérica. Mas não sou impotente, e *nunca* serei como eles.

A exaustão me ajuda a desligar com facilidade os pensamentos agitados. Quero dormir assim, pele limpa em lençóis limpos, mas me obrigo a vestir as roupas novas. No momento em que a armadilha for acionada, não quero perder tempo me vestindo. Preciso estar pronta para sair.

Vou para a cama e mal termino de me ajeitar sob as cobertas antes de pegar no sono.



Sonho com a escuridão. Estou olhando para um reconfortante cobertor de estrelas cintilantes. A voz de Finn soa atrás de mim.

Abriella, cada estrela no céu brilha para você.

A vibração em meu peito se intensifica até parecer asas batendo, e estou voando, subindo ao céu escuro da noite, com uma mãozinha apertando a minha. Nem me surpreendo quando me viro e vejo os olhos prateados de Lark, seu sorriso largo. A sobrinha de Finn já esteve em meus sonhos antes, normalmente para me prevenir de alguma coisa ou compartilhar uma profecia cifrada. Percebo que essa é a primeira vez que a aparição não vai reduzir dias de sua vida. A maldição da rainha dourada foi rompida no momento em que o filho dela se apoderou da coroa Unseelie. Agora os feéricos da sombra podem usar seus poderes sem sacrificar a própria imortalidade.

Pelo menos algo de bom resultou da traição de Sebastian.

A teia de prata na testa de Lark brilha quando voamos pelo céu cravejado de estrelas, mas de repente descemos e a noite tranquila desaparece. Estamos em uma espécie de enfermaria. Há camas enfileiradas contra as paredes, ocupadas por crianças adormecidas.

— Parecem tão em paz — murmuro.

Lark entorta a boca, ponderando.

— Existe certa paz na morte, mas a inquietação vem em seguida, se você permitir.

Balanço a cabeça.

— Não entendo o que você está me dizendo. — O dom de Lark é ver o futuro, mas ela nunca me mostrou uma imagem tão precisa quanto esta.

— Estão procurando você — ela diz, com os olhos brilhantes. — Você precisa ir para casa. Pelas crianças. Pela corte.

Balanço a cabeça de novo.

— Não tenho casa. — Minha irmã é a única pessoa que se preocupa comigo de verdade, e ela está em um reino que não posso mais visitar, agora que sou feérica. — Sebastian conseguiu a coroa. Sinto muito.

Ela encosta o dedinho em minha boca e olha para a noite escura por cima de um ombro.

— Escute. — Um grito ecoa ao longe, em outro mundo. — Está na hora.